

# O cara mais bacana da face da Terra

Por **Pedro Butcher**

**Valor Econômico, 28.3.2014**

Digite as palavras "Bill Murray" no Google e surpreenda-se com o resultado: mais de 173 milhões de páginas, muitas delas dedicadas não propriamente ao ator, mas ao mito. Para efeitos de comparação, a resposta para a pesquisa "Adam Sandler" traz "apenas" 16,3 milhões de páginas.

Sim, Bill Murray é um mito. Possivelmente um caso único para um ator de comédias, de físico totalmente fora dos padrões apolíneos de Hollywood. Um mito contemporâneo, que extrapolou a tela de cinema e se espalhou como um vírus "do bem" pelo mundo virtual. Ao contrário de Katherine Heigl, por exemplo - que, pobrezinha, caiu nas garras dos "haters" da internet -, Bill Murray subiu aos céus da rede mundial como um verdadeiro ídolo.

Uma das páginas dedicadas a ele chama-se "Bill Murray Stories" e compila relatos de pessoas comuns que o encontraram em situações diversas. Um exemplo resumido: Bill Murray estava em um campeonato de golfe na Escócia, foi convidado para uma festa por um casal de estudantes e apareceu! E ainda lavou a louça quando se acabaram os pratos limpos.

O próprio criador da página explica que alguns relatos são verdadeiros e outros inventados, mas o fato é que "Bill Murray Stories" tornou-se um imenso sucesso, alimentado por pessoas do mundo inteiro. Hoje há milhares de páginas dedicadas ao ator, várias tentando explicar por que ele é "the coolest guy on Earth" ("o cara mais bacana da face da Terra").

"Mais bacana" não é a melhor tradução para "coolest". "Cool", em seu sentido literal, significa frio - e em português nada que é "frio" é bacana (talvez agora, depois do verão mais radical dos últimos tempos). Mas um certo grau de frieza faz parte do charme de Murray, um comediante na melhor tradição de Buster Keaton, adepto do estilo "menos é mais": expressão neutra, rosto quase impassível e aquele jeitão de homem comum, ao mesmo tempo com um imenso carisma.

Murray soube, também, construir uma carreira. Cria do programa "Saturday Night Live", começou a se tornar popular no cinema no comecinho dos anos 1980, quando estrelou comédias dirigidas pelos craques Harold Ramis ("Clube dos Pilantras") e Ivan Reitman ("Recrutadas da Pesada"). Explodiu em popularidade em "Os Caça-Fantasmas", novamente sob a direção de Reitman, ao lado de Dan Aykroyd, Harold Ramis (aqui como ator) e Ernie Hudson.

Nos anos 1990, novamente sob a direção de Ramis, estrelou o fenômeno "O Feitiço do Tempo", em que fez par romântico com Andie McDowell. Para aqueles que afirmam que comediantes ou atores de cinema em geral são incapazes de encarar um Shakespeare, ele esfrega na cara sua interpretação de Polônio em "Hamlet", na versão de Michael Almereyda (2000). No século XXI, reinventou-se ao firmar parcerias constantes com alguns dos melhores diretores do cinema independente americano, notadamente Sofia Coppola e Wes Anderson.

A boa fama de Murray é resultado de uma combinação de boas escolhas cinematográficas e de uma atitude absolutamente original e idiossincrática no oceano de banalidades dos prêmios, tapetes vermelhos e entrevistas promocionais que também compõem o universo das celebridades.

No último Oscar, por exemplo, enquanto apresentava o prêmio de melhor fotografia ao lado de Amy Adams, Murray saiu do roteiro para prestar uma homenagem ao diretor Harold Ramis, que morrera alguns dias antes. Em 2004, quando ganhou o Globo de Ouro de melhor ator de comédia por "Encontros e Desencontros", de Sofia Coppola, deu um show de elegância ao ironizar o eterno desprezo das temporadas de prêmios pelas comédias em seu discurso de agradecimento, que terminou assim: "E gostaria, enfim, de agradecer aos outros integrantes da categoria comédia, da qual faço parte essa noite. Mas gostaria também de lembrar que muitas vezes nós nos esquecemos dos nossos irmãos da outra ala, os atores de dramas. E gostaria apenas de dizer que, sem eles, nossas tormentas de guerra e nossos dramas psicológicos não seriam possíveis. Não nos esqueçamos deles esse noite!".